

A COMPENSAÇÃO DO ÊRRO

ALDO CALVET

PRECISAMOS errar. É necessário errar. Não é errar escondido, acororado, subservientemente. Impõe errar diante do público. De perto, de peito aberto. Errar com plena dignidade em face do êrro. Errar de frente erguida. Errar com responsabilidade, segurança, com consciência profissional, com convicção adulta. Êrro benéfico. Êrro funcional. Êrro resultante. Êrro reconhecido não disfarçado. Êrro reconhecido êrro.

Eis o unico caminho a seguir para a criação de um Teatro Nacional Brasileiro, teatro vigoroso, significativo, expressivo, realmente nosso!

A tendência nacionalista da "Dramática" (1953), válida, nunca apagada nos dias presentes da memória dos sensatos, indestrutível até hoje pelos inimigos gratuitos das arrancadas artísticas e culturais civilizadas, não tinha outro objetivo senão êsse de errar de frente, muitas vezes, seguidamente, se assim preciso fôsse e se fôsse inevitável, mas persistir, continuar sempre com a mais vibrante virilidade teatral, com machismo e independência intelectual, com a mais irreprimível desabalada em busca de um repertório que significasse algo do nosso engenho criador, que significasse algo da nossa capacidade técnica realizadora em imaginar e construir espetáculos, dispondo de texto que refletisse aquilo que a experiência nos ensinara, que com a vivência

havíamos aprendido, assimilado, adquirido em relação às artes cênicas e, acima de tudo, falasse deliberada e livremente dos anseios, dos sofrimentos, das alegrias, das conquistas, das lutas reivindicatórias do povo.

Maurice Vaneau, em entrevista, certa feita, reforça o nosso pensamento ao afirmar que "O autor dramático somente pode aprender e melhorar, graças ao contato com o público. Esposa a opinião a unanimidade dos mestres da tecnologia teatral. E o "metteur-en-scène" belga prossegue em sua entrevista, conclamando: "É preciso apresentar peças nacionais cada ano, mesmo que muitas não sejam excelentes. A Bélgica representa um bom exemplo neste setor. Durante dez anos, o "Rideau de Bruxelles" apresentou, continuamente, autores belgas. Não era Maeterlinck, nem Commelijnck, nem outros autores já feitos, mas jovens desconhecidos. Às vezes, as peças eram péssimas. Conseguiram, entretanto subsistir sem subsídios oficiais. Ninguém gritava que se estava descobrindo gênio. Evidentemente, não se trata de admirar loucamente um jovem pelo simples fato de ser um autor nacional. O público criticou, ao contrário, às vezes com violência as obras encenadas. Mas criou-se a oportunidade para os jovens. Assim puderam melhorar. Surgiram autores dramáticos de talento. Aqui o problema é o mesmo. É preciso que sur-

jam autores nacionais. Esta é a primeira condição para a criação de um teatro nacional brasileiro. Portanto, é preciso dar oportunidade aos jovens, sendo-se ao mesmo tempo, severo, severíssimo, para com eles. Não se esquecer nunca que é preciso ser severo com aquilo que se ama".

Certo, Vaneau.

A autoridade de Vaneau não pode ser acusada de "jacobinismo caboclo" como fomos por José Lins do Rêgo ao determinar a montagem somente de autores nacionais pela "Cia. Dramática Nacional" do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura, em 1953. O romancista de "Menino de Engenho", mal informado sobre nossos propósitos à frente do SNT, certamente, deixou-se arrastar pelos venenosos de sua *entourage*.

Há bem pouco, Van Jafa nos conta em crônica que em Gorbals, bairro pobre de Glasgow, na Escócia, o médico James Bridie arvorou-se em dramaturgo e fundou o Teatro do Cidadão, para montar, executando os clássicos, apenas autores escoceses mantendo ao lado dessa experiência constante e viva o seu *laboratório*.

Agora mais que nunca no Brasil, surge uma geração de méritos e valerosa sobretudo pela tenacidade, pela coragem da expressão dramática, pelo vigor da linguagem extraída do povo.

Não muito distante muitas iniciativas marcaram tendência nacionalista no sentido de proporcionar aos moços autores meios de pôr em julgamento seus talentos, oferecendo-lhes as condições necessárias para o aprendizado tão importante. Pela ordem podemos citar, como exemplos, o "Teatro de Câmara", "Os Quixotes", o "Teatro Duse", a "Cia. Dramática Nacional" (SNT), o "Movimento Brasileiro de Arte, e,

últimamente, o Teatro Santa Rosa, à frente dos quais se viam, respectivamente, Agostinho Olavo, Lúcio Cardoso e Gustavo Dória; Péricles Leal, Ody Fraga e Oswaldo Waddington (SNT); Pascoal Carlos Magno, TD; Henrique Pongetti (SNT); Santa Rosa, José Maria Monteiro e novamente Agostinho Olavo; e, por fim, Léo Jusi, Gláucio Gill e Hélio Bloch, sem incluir companhias como as de Staff-Viggiani-Viriato Correia; Oduvaldo Viana (época do Trianon), Renato Viana, Dulcina-Odilon (Rival), Procópio Ferreira e Jaime Costa, tôdas com enorme parcela de esforço e êxitos marcantes para juntar à arrancada dos dias presentes, desta admirável geração de Plínio Marcos, Aldomar Conrado, Antônio Bivar, Oduvaldo Viana Filho (moço orgulho do pai, pai glória da dramaturgia nacional brasileira, ambos orgulho de quantos amam o Teatro), Francisco Buarque de Holanda, Joaquim Cardozo, Altimar de Aencar Pimentel, Antônio Carlos de Sena, Carlos Alberto Soffredini, Paulo Afonso Grisolli, Tite de Lemos, o nosso querido Roberto Freire, Luís Carlos Maciel, Armando Costa, êsse poeta admirável que é Ferreira Gullar e tantos outros que a citar muito teria que nos alongar.

A justa pretensão dos que sabem que sem oportunidade de êrro nada se consegue de definitivo em teatro por apoiar-se êste no famoso tripé: autor, intérprete e público. Nem Stanislavsky, nem Brecht negaram a necessidade dos três elementos — autor, intérprete e público, para a realização de espetáculo.

Temos os três elementos necessários comprovadamente. Falta-nos a possibilidade de pôr à prova a nossa disposição em errar — os teatros, as salas de espetáculos, equipadas, aparelhadas, disponíveis.

Acreditamos que êste problema será brevemente enfrentado com denôdo pela maravilhosa geração que aí está plena de valentia e de coragem, pois já teve ensejo de demonstrar sua decisão em aban-

donar as muletas para cair sòzinha de pé.

A gente que ocupa o Teatro, presentemente, não nos enganamos e não se enganem — vai desafiar o êrro.

